

O sagrado perseguido: intolerância e demonização das práticas religiosas afro-brasileiras no bairro de Afogados - Recife (1930-1940)

Mário Ribeiro dos Santos¹

Em 04 de novembro de 2010, as ruas do centro do Recife vestiram-se de branco pela multidão de fieis e seguidores das religiões afro-brasileiras, que prestigiavam a 4ª caminhada dos terreiros da cidade². O cortejo, que percorreu as principais artérias do centro do Recife (saída do Marco Zero, seguindo pela Av. Marquês de Olinda, Ponte Duarte Coelho, Rua Martins de Barros, contornando a Praça da República, a Rua do Sol, a Avenida Guararapes e a Avenida Dantas Barreto; encerrando o percurso no Pátio do Carmo) integrou as comemorações referentes ao Mês da Consciência Negra e foi organizado por uma comissão de Babalorixás e Ialorixás com o apoio da Prefeitura do Recife³. Para a realização da iniciativa, a Prefeitura mobilizou as secretarias de Direitos Humanos e Segurança Cidadã, Turismo, Saúde, Igualdade Racial e Cultura, juntamente com a Companhia de Trânsito e Transportes Urbanos do Recife (CTTU), que direcionou dez agentes do órgão para monitorar a caminhada, ordenando o trânsito e garantindo a segurança dos participantes durante todo o percurso.

No dia 21 de novembro de 2010, os jornais Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio publicaram matérias referentes ao tema da religiosidade afro-brasileira. O primeiro registrou o título de Patrimônio Vivo do Brasil, concedido pelo Ministério da Cultura ao ogã Walfrido Silva, de 95 anos, do Sítio de Pai Adão - bairro de Água Fria

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Gerente do Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural da Secretaria de Cultura do Recife e Professor do curso de Turismo da Faculdade Joaquim Nabuco. E-mail: mariorisan@yahoo.com.br

² O Xangô, a Jurema Sagrada e a Umbanda são algumas, entre as diversas expressões da cultura religiosa afro-brasileira. A primeira é conhecida como a religião dos orixás (ancestrais míticos divinizados), recebendo diferentes nomes conforme o lugar. Na Bahia é conhecida como Candomblé; Pernambuco, Paraíba e Alagoas, Xangô (nome que significa orixá, espaço de culto, denominação para a religião e momento festivo); A Jurema, por sua vez, é outra prática religiosa caracterizada por mesclar em seu culto, elementos das culturas indígenas, africanas e católicas, na qual se cultuam os encantados (mestres, mestras, caboclos, entre outros). É popularmente conhecida como Catimbó e sua prática é bastante difundida em Pernambuco. Ver: MOTTA, 1985. LIMA, 2007.

³ Termos utilizados no Candomblé para designar o mais alto cargo da casa. O mesmo que mãe de santo e pai de santo. 4ª CAMINHADA DOS TERREIROS REÚNE MULTIDÃO NO MARCO ZERO 00:00 Quinta-feira, 4 de Novembro de 2010. WWW.recife.pe.gov.br.04.11.2010

(DIARIODE PERNAMBUCO, 2010).⁴; o segundo, documentou com o título “uma vitória da tradição afro”, a conquista do Terreiro Santa Bárbara (Ilê Axé Oyá Meguê) do usucapião do imóvel com 855 metros quadrados da Rua Severina Paraíso da Silva (Mãe Biu), que funciona no Portão do Gelo – Beberibe, desde 1951 (JORNAL DO COMMERCIO, 2010).

Selecionamos essas notícias porque acreditamos que, os elos entre tais acontecimentos e o tema desse artigo possam conduzir o leitor na sua reflexão sobre a temática do exercício da fé entre os seguidores das religiões afro-brasileiras no Recife. O estudo deste assunto na atualidade possibilita diversas abordagens com promissores campos de atuação e pesquisa, que alçam a temática como importante objeto de estudo científico.

Nesse sentido, diferentemente do evento que reuniu nas ruas da cidade centenas de representantes dos 1.228 terreiros cadastrados na Região Metropolitana do Recife (RMR), cantando e dançando vestidos com trajes próprios das cerimônias religiosas do Candomblé, os documentos dos anos 1930 e 1940, nos apresentam momentos de perseguição e repressão aos seguidores dessa religião, registrando cenas de humilhação apoiadas pela polícia, pela Igreja Católica e por outras autoridades do município e do Estado, a exemplo de médicos e alguns intelectuais. Uma espécie de violência simbólica, colocada em prática, sobretudo, por meio de discursos de verdade (BOURDIEU, 1989).

Para esse artigo, reunimos, especificamente, os registros que fazem referência ao bairro de Afogados e seus distritos, Mangueira e Mustardinha, no sentido de documentar a importância dessa localidade como aglutinadora de praticantes do Xangô e da Jurema Sagrada no Recife – *uma zona rica na seara do catimbó e do feitiço* (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1933). O interesse em estudá-lo, nasce com a periodicidade de notícias referentes à intolerância das práticas religiosas afro-brasileiras, no período entre 1930-1940. Nesta década, o Recife vivenciava um processo, comum nas grandes capitais brasileiras, e em diálogo com a proposta política nacional de modernização do espaço urbano. Essa realidade refletiu na organização social da

⁴ Ogã é um título honorífico dado a homens, escolhidos por sua honorabilidade e prestação de relevantes serviços à comunidade religiosa afro-brasileira.

localidade, deslocando para outras áreas da cidade centenas de famílias pobres, moradoras dos bairros do Recife, São José e Santo Antônio, muitas das quais, seguidoras das práticas religiosas afro-brasileiras.

Situado nas proximidades do centro, com extensas áreas alagadas, por aterrar, Afogados transformou-se num dos principais pontos de construção de casas e mocambos para essa parcela da população, tornando-se um dos lugares mais populosos do Recife. A sua principal área de convivência concentrava-se no entorno da Igreja de Nossa Senhora da Paz (Largo da Paz) e nos arredores da Estrada dos Remédios e da Rua São Miguel – pontos movimentados, sobretudo, pelo fluxo de trabalhadores em direção às fábricas, à feira livre, ao mercado público, à torre de atracação, no Jiquiá, e outros bairros como Tejipió, Madalena, Caxangá e Imbiribeira.

Conhecido pela significativa atuação dos valentões - grupos de capoeira existentes em algumas comunidades do Recife (MELO, 1936) - Afogados vivenciou momentos de sangrentas batalhas, entre elas, as sinalizadoras do levante nacional conhecido como “Intentona” Comunista. O acontecimento alterou significativamente o cotidiano do bairro, com a circulação diária de soldados da Polícia Militar pelas ruas e becos; uma forma de vigilância do comportamento social dos moradores, intensificando, sobretudo, as perseguições e as proibições aos momentos de lazer e outras práticas socioculturais protagonizados pela população afro-descendente. As freqüentes batidas policiais nos Xangôs, o número de prisões de religiosos do candomblé e o funcionamento clandestino de muitas casas de culto constituem reflexos da atuação da imprensa e da ideologia defendida pelo Estado no período. A Folha da Manhã – periódico oficial que circulava nos dois turnos – e a Rádio Clube de Pernambuco se encarregavam de propagar discursos de verdade, que incutiam na população a ideia de uma estreita relação entre o Candomblé, o comunismo e a desordem (SANTOS, 2010).

Embora a campanha contra essa religião e seus seguidores acontecesse de forma desenfreada pelo Estado, nos sítios, ruas estreitas e becos de Afogados, muitos terreiros funcionavam na clandestinidade, dirigidos por pais e mães de santo, com “clientela” certa; pessoas de diferentes localidades, que para lá convergiam em busca de soluções

para problemas do cotidiano, em geral, relacionados a emprego, ao amor e à saúde (GUINLLEN,2007).

No bairro, muitos moradores eram frequentadores das reuniões religiosas realizadas nas casas de amigos e parentes; em geral à noite, depois do trabalho, ou final de semana, disfarçadas de festas, bailes dançantes e/ou ensaios de agremiações carnavalescas – diferentes táticas para ludibriar a polícia e outras autoridades. O número de seguidores, identificado pela imprensa durante as notificações, reflete a popularidade da religião em Afogados e o prestígio dos seus dirigentes. Nomes como José do Mel, Monoel do Burro, Maria Praça e Seu Dé eram constantemente mencionados pelos jornais quando o assunto era Xangô na localidade⁵. Pessoas com lugar de fala no bairro, legitimadas pelos seus pares como lideranças não somente religiosas, mas, sobretudo, social e política dentro da comunidade.

A proximidade dos endereços e das datas das “batidas” policiais no bairro também possibilita identificar o consumo dessa prática religiosa pela população nessa área da cidade⁶. Num curto período de 8 dias, em setembro de 1938, foram realizadas 3 prisões de religiosos somente na Rua 21 de Abril. São eles: Antônio Cavalcanti, Sebastiana Paschoal de Sant’Ana e Maria Magdalena Pereira (Maria Praça)⁷. As perseguições aconteciam sob as ordens da Polícia e do Estado, que em geral associavam as práticas religiosas afro-brasileiras aos altos índices de criminalidade na cidade, aparecendo como protagonistas no levantamento oficial e enquadrando-os com frequência na secção policial das reportagens sobre violência. A ideia do Estado era negar o discurso dos sacerdotes e sacerdotisas do Candomblé, no intuito de vetar o poder de fala e o prestígio dessas lideranças diante de seus seguidores. Esse pensamento leva duas frentes principais, a Igreja e o Estado, aliados à Imprensa - importante instrumento ideológico – a tentarem impedir que as massas cultivassem essa prática,

⁵Essas lideranças são registradas nas reportagens da **FOLHA da Manhã** e **DIARIO de Pernambuco**, respectivamente: 28/04/1943, 03/09/1943, 14/09/1938 (FM) e 01/08/1933 (DP).

⁶ Nesse estudo, o conceito de consumo será utilizado segundo o pensamento do historiador Iranilson Buriti de Oliveira. Para o pesquisador, o conceito de consumo não é territorializado apenas pela sua restrita definição econômica, mas como consumo de imagens, de sons, de ritmos e de valores que emergem nesse contexto histórico. (OLIVEIRA, 2007: 59).

⁷ As prisões desses religiosos foram registradas pela **FOLHA da Manhã**, nos dias 13, 14 e 21 de set. 1938, respectivamente.

investindo no combate com discursos que reforçam o preconceito social e religioso (BOURDIEU, 1989).

Uma das preocupações do meu governo foi dar a policia uma organização technica, que correspondesse às exigencias da ordem social. Substitui-se o velho aparelho repressivo, inadequado, sem efficiencia, nem mais finalidade, por uma orientação inteiramente nova. [...] Abolidos os sensacionalismos na imprensa, o baixo espiritismo, as seitas africanas e a pratica das chamadas sciencias hermeticas, e outras formas de exploração da credibilidade e da miseria social, desapareceram os factores da exacerbação e desespero. Completando essas providencias, a propaganda, pela imprensa e pelo radio dos principios de renovação e saude moral, consagrados pelo novo regime, operou rapidamente a mudança de ambiente, que se tornou propicio as boas maneiras e as boas acções.[...] Não só a ordem social se revigorou e definiu, como os delictos communs descreceram, baixando de maneira surpreendente os indices de criminalidade. [...]. A policia deixou de ser assim um aparelho antipathico de compreensão, para transformar-se em um órgão de defesa e Ordem, estendendo-se as suas funções de caracter preventivo, em todos os sectores sem irritar nem contundir, inspirando confiança e colaboração num alto sentido social (FOLHA DA MANHÃ, 1938).

Nessa tentativa de renovar os princípios e a saúde moral da sociedade, com base nas exigências da nova ordem social estabelecida, o Estado investiu numa Polícia que se tornasse conhecida como o órgão de defesa e da ordem; que desenvolvesse um trabalho eficiente, com orientações e campanhas preventivas em todos os setores da vida pública, “inspirando confiança e colaboração num alto sentido social” (BALANDIER, 1999). Para tal fim, com o propósito de zelar pela ordem e segurança da população, a Secretaria de Segurança Pública iniciou uma intensa campanha de perseguição às religiões afro-brasileiras, legitimando suas ações por meio do Código Penal de 1890, sobretudo nos artigos 156, que trata de práticas ilegais da medicina; 157, dos crimes por prática da magia, da cartomancia, do uso de talismã e credulidade pública; e 158, da proibição da prática do curandeirismo. Com esse respaldo, a Polícia movimentou as buscas nos bairros pobres da cidade, fechando casas, apreendendo objetos e seus seguidores; taxando-os de criminosos, exploradores e trapaceiros⁸.

⁸ Sobre a perseguição e a repressão aos adeptos das religiões afro-brasileiras no Recife ver os estudos de QUEIROZ, 1999.

De ordem do commissario Alcindo Maranhão, os investigadores ns 192 e 170, effectuaram hontem uma diligencia e busca na casa da catimboseira Maria Carmelita de Sant'Anna, no sítio Boa Ideia, em Afogados, achando-se a casa em preparativos para uma sessão que seria effectuada na madrugada de hoje. A feiticeira foi presa, e bem assim o velho explorador da baixa magia Francisco Severino Venancio, vulgo Chico Grande (FOLHA DA MANHÃ, 1938).

Foram presos de ordem do Commissario Maranhão, as catimboseiras Francelina Pereira da Silva, Isabel Pereira do Nascimento e Leonor Pereira da Silva na ilha de Nictheroy, em Afogados (FOLHA DA MANHÃ, 1938).

O Dr. José Francisco, delegado de Vigilancia Geral e Costumes, sabendo que, a mulher Sebastiana Thomazia de Sant'Anna, residente no Becco do Corrinboque, em Afogados, vinha secretamente explorando á baixa magia, deu instrucções ao commissario Ildefonso Vasconcellos, para proceder diligencias a respeito. Assim, estabelecido, foi á casa indicada, revista, [...] todo o "material" foi levado para a Delegacia de Vigilancia Geral e Costumes, afim de ser incinerado (FOLHA DA MANHÃ, 1940).

Atitudes desse tipo, de humilhação e exposição pública, muito comuns no período em análise fazem lembrar o que diz Georges Balandier sobre o "jogo de poder, levado ao extremo pelo arbitrário, utilizando a única arma do ridículo" (BALANDIER, 1999:44). O Estado, conhecedor dessa estratégia, faz do ridículo a sua arma para manter a população sob controle, uma vez que esta tem receio em ser ridicularizada publicamente no sarcástico "teatro" da Nova Ordem (BOURDIEU, 1989).

A representação em torno da eficiente atuação policial é fortemente divulgada na Folha da Manhã que se encarregava de publicar manchetes com frases que proporcionassem efeitos de sentido na população. Uma estratégia encontrada pelo Estado para visibilizar às ações praticadas pela polícia na luta sem tréguas contra essas práticas distantes da "beleza da religião católica no seu realismo e na sua verdade" (FOLHA DA MANHÃ, 1942).

Nesse sentido, como a Polícia priorizava em seus princípios defender a sociedade de todo e qualquer movimento causador da desordem, ela intensificou uma dupla campanha na cidade: de propagação do medo das práticas culturais afro-brasileiras e ao mesmo tempo, uma política que visava tranquilizar a população sobre tal perigo. A frequência com a qual as notícias eram veiculadas e as expressões utilizadas

nas manchetes com as extensas listas de objetos apreendidos contribuía para a formação de um pensamento, que ressaltava a constante atuação do Estado e da Polícia no empenho dos trabalhos para manter tudo sob controle.

Descoberto em Afogados um centro de catimbozeiros
Cercada pela policia uma sessão de catimbó
A polícia não dá trégua aos catimbozeiros
Guerra aos Catimbozeiros
Catimbozeiros no Xadrez
Campanha contra os Catimbozeiros
Prisão de Catimbozeiro e apreensão de materiais
Uma diligência da polícia a dois antros de mistério e fetichismo
Extinguído um núcleo de macumbagem africana
Contra a Baixa Magia
Combate à magia negra. Mais um "culto" devassado pela policia
Catimbozeira é cousa mais grave⁹

No entanto, a difusão assídua dessas investidas reverberava entre os seguidores das religiões afro-brasileiras um verdadeiro jogo de resistência, que não se dava à parte dos acontecimentos históricos, sociais e políticos, mas, de maneira articulada e conjunta. Longe de estarem limitados a expedientes individuais ou coletivos de simples recusa, os adeptos traduziam essa resistência em esforços de negociação, que confrontavam perseguidos e perseguidores, e articulavam um amplo conjunto de estratégias.

A reportagem da edição matutina da Folha da Manhã ilustra um mecanismo muito utilizado pelos filhos-de-santo, na tentativa de ludibriar a perseguição policial do Estado Novo: a atuação silenciosa dos trabalhos religiosos durante a madrugada.

Há tempos, estava sendo procurado, pela policia, o individuo José Batista da Silva, denunciado á policia, como adepto e explorador da baixa magia. Na madrugada de ontem, o embusteiro, n'um casebre em Afogados, após uma sessão clandestina, reunia os utensilios da feitiçaria, candieiros de flandre, cachimbos, rolos de fumo, pé de pião rôxo, etc....., deixando subir pela cobertura de palha, um forte fumaceiro, de ervas que acabava de queimar, para assim "afastar" na sua linguagem, os máus espiritos. Atraídos pelo que se passava, os guardas noturnos de ronda, n.º 29, 64 e 65, prenderam o catimbozeiro entregando-o ao commissario do districto. Em seguida levaram o fato

⁹ As manchetes destacadas foram publicadas nos jornais Folha da Manhã, Diario de Pernambuco e Diario da Tarde, entre os anos de 1933, 1938 e 1939.

ao conhecimento do dr. Jorge Castro, chefe do expediente da corporação para os fins convenientes (FOLHA DA MANHÃ, 1942).

Esse tipo de prática, durante o silêncio da madrugada, era muito comum nos subúrbios, nos quais as denúncias se faziam com mais frequência. Casos de sessões espíritas em Afogados e seus arredores eram registrados praticamente todos os dias pela imprensa. Fato que contribuiu para a intensificação das buscas policiais na localidade. A atuação dos guardas de ronda não cessava. Turmas de investigadores eram designadas pelas autoridades para apurar as denúncias no bairro em todas as horas do dia, com ordens para apreender os sacerdotes, os objetos de culto e até mesmo alguns consulentes que se encontravam presentes nas reuniões.

O guarda civil n.º 299, destacado em Afogados, cercou, ontem, às 10 horas a casa de Manoel de Tal, conhecido por “Manoel do Burro” na rua dos Honrados, em Mustardinha, daquele districto, prendendo o explorador da credence popular. No casebre o guarda civil apreendeu uma verdadeira “armadilha” com que o malandro explorava os incautos, recebendo gordas propinas (FOLHA DA MANHÃ, 1943).

O dr. João Roma, delegado de Investigações, teve denuncia de que em casa de um alfaiate, em Afogados, vinham sendo explorados o catimbó e o xangô. De acordo como o commissario Ildelfonso Vasconcellos, aquella autoridade, designou uma turma de investigadores composta dos policiaes ns. 26, 168, 190 e 176, para apurar a denuncia. Effectivamente, a informação levada a policia era positiva e hontem, as 15 horas, era cercada a casa do alfaiate Claudio Natal Villa Ferraz, sita á Estrada do Bongy n. 86 em Afogados, quando funcionava uma sessão da referida seita. O dono da casa foi preso e apprehendido vasto material do qual destacamos o seguinte: 1 mala com vestuario de xangô, diversas imagens, inclusive uma estimada em 300\$000, 1 crucifixo no valor de 180\$000, 2 pegis, 5 quadros, 2 pratos com biffes e guizados, 1 bengala, 1 caixa com charutos ainda intacta, outra já servida, diversos pacotes com hervas, 2 cestos, 1 espada, diversos jarros, 1 lata de doce, 1 bengala, tijela, contendo gallinhas, 1 turíbulo, 8 voltas, garrafa com azeite, 1 camisa, 1 retrato de xangô, diversas flores artificiaes, 1 imagem de Nossa Senhora do Rosario, em tamanho natural (grande) e 1 prata de 1\$000, 1 pistola comblaim e 6 balas. O alfaiate catimbozeiro após identificado, foi recolhido ao Xadrez á disposição do delegado João Roma (FOLHA DA MANHÃ, 1939).

A resistência dos seguidores das religiões afro-brasileiras à perseguição do Estado se fazia constante e de diferentes maneiras. Um mecanismo criado para dar continuidade às práticas e para ludibriar a polícia foi a criação de agremiações carnavalescas, a exemplo de maracatus e clubes de frevo. Os sacerdotes obtinham a autorização legal para fazer funcionar sua “sede de maracatu” e colocava em prática os “ensaios” dos grupos, planejados e divulgados entre a comunidade. Na verdade, esses encontros sistemáticos funcionavam como pano de fundo para a realização de festas e reuniões espíritas. O fragmento abaixo ilustra uma realidade muito corriqueira no bairro de Afogados: a invasão da polícia em reuniões privadas de lideranças religiosas e a veiculação na imprensa do ocorrido no dia seguinte. A forma como o jornal descreve as cenas reforça entre os leitores a ideia de uma relação próxima entre o Xangô e os assassinatos ocorridos com frequência na cidade.

A polícia ontem á noite levou a efeito uma diligência interessante. Edson Moury Fernandes, ajudante da secção de Costumes e Repressão a Jogos, [...] dispondo do tintureiro rúmo a Afogados. [...] Ali existe o Maracatu uma espece de dansa indígena que vira a cabeça de muita gente bôa. [...] Vez por outra quando entregue a sua liturgia, com o barulho ensurdecedor e bombos e outros instrumentos de "direitos reservados" são surpreendidos pela polícia que lhes faz cerco. [...] Na batida de ontem em se tratando de dois centros de bruxarias teve que realizar o serviço parceladamente. Assim começou pelo maracatu. O maracatu "Estrela Baiana" está situado á rua de S. Pedro, na Mangueira, em Afogados. O presidente é Otávia Josefina da Silva, uma mulata de cabelos caxiados, arrastando uns tamancos pesados e barulhentos. O mestre é José Eudes, vulgo "Dé". Seu "Dé" é o trunfo da "bagunça". Na casa de seu "Dé" há uma enorme coleção de bugingangas que fazem parte do maracatu. Várias garrafas de azeite de dedê, uma vasilha de restos de comida, misturada com azeite, moedas de cobre cobertas com areia fina. [...] Depois dessa apreensão a polícia cassa a licença que tem o maracatu para funcionar e mestre "Dé" é intimado a disistir de continuar com a macumba, visto ser prejudicial. Além disso porque foram encontrados três facas de ponta, bastante enferrujadas com as respectivas bainhas, atribuindo-se tal coisa a crimes que talvez hajam sido praticados e para que ficassem ocultos os seus autores, oferecessem as armas para mestre "Dé" fazer um "serviço" para livrá-los da prisão. A limpeza feita na casa de mestre "Dé" foi em ordem. Nada escapou (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1933).¹⁰

¹⁰ É importante destacar que o uso de facas numa casa de matriz africana se dá em função de alguns trabalhos ritualísticos serem realizados com animais de pequeno, médio e grande porte.

Essa ideia de relacionar agremiações carnavalescas com as práticas religiosas, reunindo no mesmo espaço físico pessoas com interesses comuns (continuidade de suas crenças), é uma tática encontrada pelos grupos seguidores do Candomblé, de resistir política e socialmente, por meio de suas manifestações culturais. Com mais uma função, não somente a religiosa, as casas de santo funcionam também como a sede da agremiação, transformando-se num movimentado ateliê de produção de fantasias e adereços. O entra e sai nas casas, as conversas entre amigos, vizinhos e familiares possibilitam ainda a criação de redes de sociabilidades e negociações entre seus membros e demais instâncias da sociedade, assegurando, contudo, a conquista do espaço público da cidade ao integrar no calendário oficial das festividades carnavalescas o desfile de sua agremiação.

A religiosidade dessas agremiações é traduzida, sobretudo, no preparo de alimentos que são oferecidos aos orixás para que estes facilitem a vitória para os grupos no momento da disputa no Carnaval. Nesse tipo de ritual, constatamos que o sentido religioso das agremiações está circunscrito ao sentido das crenças de seus próprios atores, os quais transportam a estrutura ritualística vivenciada no seu cotidiano para a brincadeira.

Esse tipo de prática é comum entre as agremiações ligadas à religiosidade afro-brasileira. Os rituais de proteção, como são conhecidos, realizam-se dias antes do Carnaval, pelas lideranças dos grupos e alguns integrantes adeptos, com o intuito de se resguardar e se prevenir do mal. Não executá-los pode trazer sérios prejuízos, seja para a agremiação ou para os próprios componentes. Também é denominado de “calço”¹¹, podendo ser individual ou coletivo, que acontece juntamente com a preparação e purificação das fantasias, dos adereços e dos instrumentos musicais. O depoimento a seguir, reforça o pensamento anterior e legitima a devoção que alguns clubes pedestres carregam em suas religiões, trazendo para as ruas objetos consagrados impregnados de simbolismos. O estandarte do *Clube das Pás* possui um forte fundamento religioso, tradicionalmente preservado:

¹¹ Termo utilizado entre os adeptos das religiões afro-brasileiras para designar proteção espiritual; geralmente é realizado à base de ervas, banhos de purificação, velas, fumaçadas, bebidas, com cânticos e rezas para a entidade ou divindade responsável pelo trabalho. Com relação à diversidade de formas de proteção ritualística empregadas pelos carnavalescos seguidores dos cultos afro-brasileiros no Recife, cf SANTOS, 2006.

no estandarte do clube das Pás, mulher não pegava, porque não se sabia se ela estava menstruada. E aquilo era um estandarte preparado. No oxê, naquele símbolo que tem em cima do estandarte, tem duas pás cruzadas e uma bola. E entro daquela bola tinha um segredo¹².

São muitas as fórmulas de proteção de acordo com o contexto da cultura africana no Brasil. Em geral, a procura pelas consultas ultrapassa o período de Carnaval e vincula-se ao cotidiano dos moradores da comunidade e de outras localidades, que para os terreiros se dirigem em busca dos trabalhos de caridade (para curar os males físicos ou espirituais) realizados pelas entidades espirituais e sacerdotes dos espaços.

Esse compartilhamento de favores, fundamentado na medicina natural à base de raízes, folhas, frutos, cascas, flores, mel, etc, e mesclada com traços da cultura africana, como orações, cânticos e oferendas, em dias normais ou outros agitados pela folia, historicamente é criticado pela cultura ocidental, pautada em discursos de “verdades” e numa totalidade homogeneizadora, que adota a Igreja Católica como o modelo ideal de religião e o discurso médico, como oficial para as questões de saúde orgânica e psíquica.

No entanto, o que se observa é que apesar do controle e da perseguição, vários aspectos relacionados à cultura religiosa afro-brasileira permanecem vivos através da resistência, instituindo valores e estabelecendo táticas de poder. Um período que se anuncia desde os preparativos em casa até a chegada dessas agremiações às ruas, espaços de manifestações do controle (SANTOS, 2000).

Desse modo, considerando a concepção de Michel De Certeau, as táticas estão relacionadas a operações que fogem e minam um lugar. São mais simbólicas. De certa forma, estão relacionadas a um desafio comum: a possibilidade de se agir dentro de determinadas condições – o campo de batalha, o contingente ou dentro dos limites de discursos hegemônicos (JOSGRILBERG, 2005:30). São procedimentos de caráter informal que atuam no espaço do outro, o lugar (controlado), e instituem um novo espaço, ou seja, o “lugar praticado”.

A dinâmica do tempo histórico contribuiu para o surgimento de novas formas de negociações e resistências do povo de santo no Recife, com diferentes discursos que interferiram na própria estrutura organizacional, funcional e simbólica da cidade. A

¹² Depoimento de Seu Manoel do Nascimento Costa. *Op. Cit.*

multidão de fieis, seguidores do Candomblé, que circularam de branco pelas principais artérias do centro, no último dia 04 de novembro de 2010, traduz um momento na história desses sujeitos no qual a resistência ao sistema e a intolerância religiosa não se fazem mais de forma velada, durante o silêncio das madrugadas. O barulho do tambor e a melodia dos diferentes cânticos sagrados agora invadem as ruas, é o “lugar praticado”, onde becos, esquinas, pátios e praças da cidade constituem movimentados espaços de circulação de pessoas de diferentes crenças, cujos itinerários foram e continuam definidos e conquistados.

Referências

- BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena**. Tradução Ana Maria Lima. Coimbra: Minerva, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- JOSGRILBERG, Fábio B. **Cotidiano e Invenção**: os espaços de Michel De Certeau. Coleção Ensaio Transversais. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.p 30.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França & GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Cultura Afro-descendente no Recife**: maracatus, valentes e catimbós. Recife: Bagaço, 2007.
- MELO, Oscar. **O Recife Sangrento**. 1936.
- MOTTA, Roberto. **Os Afro-brasileiros**. Recife: Massangana, 1985.
- OLIVEIRA, Iranilson Buriti. **Temp(I)os de consumo**: memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX). SAECULUM – Revista de História [16]; João Pessoa, jan./jun.2007.
- QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. **Religiões Afro-brasileiras no Recife**: intelectuais, policiais e repressão. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.
- SANTOS, Jocélio T. dos. **O poder da cultura e a cultura no poder**. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000;
- SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Trombones, tambores, repiques e ganzás**: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945). Recife: SESC, 2010.

Fontes

4ª CAMINHADA DOS TERREIROS REÚNE MULTIDÃO NO MARCO ZERO 00:00
Quinta-feira, 4 de Novembro de 2010. WWW.recife.pe.gov.br.04.11.2010

DIARIO DATARDE: jun. 1933

DIARIO DE PERNAMBUCO: ago.1933; nov.2010

JORNAL DO COMMERCIO: nov.2010

FOLHA DA MANHÃ: jul/dez 1938; jan/jun 1939; out. 1940; abr/set 1943